

**"JÁ FIZEMOS MUITOS MINUTOS DE SILÊNCIO,
AGORA SERÃO GERAÇÕES E GERAÇÕES DE BARULHO":
AS POESIAS DAS MULHERES NEGRAS DAS PERIFERIAS DE SÃO PAULO**

Renata Dorneles Lima (UFRJ)¹

Resumo: Esse trabalho visa a discutir a emergência de uma voz feminina silenciada socialmente - a voz do Outro -, na medida em que carrega as marcas da negritude e aparece associada aos territórios periféricos. Essa voz ganha espaço por meio da produção nas cenas dos saraus da periferia de São Paulo, projetando-se como uma voz da marginalidade em meio a outras que, há muito relegadas, haviam finalmente começado a impor seus balbucios nos “quilombos culturais” das quebradas paulistanas, construindo, assim, seu espaço de pertencimento no campo literário.


Palavras-chave: subalternidade; vozes femininas; negritude; literatura periférica; campo literário

O manifesto escrito por Ferréz na edição especial da Revista *Caros Amigos/Literatura Marginal*, em 2001, promove um movimento inaugural de mobilização para que os sujeitos marginalizados/periféricos deixem de ser objetos de estudo e passem a ser atores da produção literária. A periferia não passa a ter voz a partir desse manifesto - cenas culturais sempre estiveram presentes nos diversos territórios denominados periféricos -, no entanto, o movimento de Reginaldo Ferreira da Silva - nome de batismo de Ferréz -, atenta para as produções de escritores originários desses territórios.

Escolhemos como epígrafe um pequeno trecho do manifesto "Terrorismo literário" em que fica evidente a importância da voz dos autores periféricos na literatura. Na três edições especiais da *Caros Amigos/Literatura Marginal*, apenas escritores periféricos participaram com seus textos. Há, no manifesto de Ferréz, uma voz coletiva, uma espécie de voz comunitária, como uma oportunidade de todos falarem por meio de seu discurso. Todos periféricos. Majoritariamente homens.

O que pretendemos, neste trabalho, é discutir não somente a importância desse movimento para a cena literária brasileira, mas como esse discurso impetrado por Ferréz não pensou a voz da mulher negra periférica, mostrando uma diferenciação no que diz respeito ao gênero e não percebendo a relevância dessa voz. Apenas nove mulheres

¹ Mestra em Literatura Hispano-Americana. Doutoranda em Literatura Hispano-Americana. Contato: redorneles@gmail.com e-mail.



foram convidadas a escrever para as edições da revista em um universo de quarenta e oito autores.

Escolhemos para esse trabalho a produção literária de duas jovens escritoras negras de São Paulo: Luz Ribeiro, Mel Duarte e Elizandra Souza, o que, a partir dessa escolha, nos faz excluir outras inúmeras escritoras com as quais estamos trabalhando. A produção das poetisas citadas serão objeto de estudo neste artigo por apresentarem um discurso muito semelhante, em seus poemas, no que tange os temas abordados: negritude, periferia, feminino e feminismo. São temas que nos são caros e importantes para pensar um movimento literário periférico que esteja para além de uma literatura centrada em produções apenas de homens.

A tríade que nos importa neste trabalho é periferia/negritude/feminino, como uma forma de dar espaço e voz a um grupo social que está "à margem da margem da margem" por serem essas poetisas mulheres, negras e periféricas e, portanto, apresentam questões, em textos diversos, díspares em relação a produções literárias dos autores periféricos já canonizados no movimento da literatura marginal.

O anteriormente citado Ferréz, bem como, Allan da Rosa, Rodrigo Ciríaco, Sérgio Vaz, entre outros nomes já conhecidos no movimento de literatura marginal, trazem ótimas contribuições para a literatura brasileira ao dar visibilidade aos territórios e sujeitos periféricos com textos fundamentados, em grande medida, em suas próprias vivências nesses espaços.

No entanto, a voz da mulher não ecoa nessas produções, assim como as mulheres não ecoam como personagens principais nas obras, salvo algumas exceções, como a personagem Filomena na peça *Da Cabula*, de Allan da Rosa, de 2008.

A figura da mulher, em grande parte das obras de autores periféricos, passa pela figura da mãe, sendo essa uma forma de representação do alicerce familiar nos territórios narrados, ou estão fadadas a ocupar o lugar prototípico da mulher em textos em que essa figura não se expande: a de objeto sexual. Na obra *Capão pecado*, de Ferréz, lançada em 2005, a personagem Paula é descrita sempre como uma mulher cobiçada, que trai o namorado com seu melhor amigo.

Ela o agarrou e o beijou com uma vontade desenfreada. Ele não demorou muito a morder-lhe o pescoço, ela ficou doida e ofegava alto, ele percebeu as mãos da provocante **fêmea** lhe alisarem as coxas e começou a passar as mãos delicadamente em seus seios formosos e

fartos. Notou que o bico era imenso e começou a acariciá-lo. (FERRÉZ, 2013, p. 101 - Grifo nosso)

O corpo sexualizado de Paula é descrito em quase todas as cenas em que a personagem aparece, dialogando com a característica que o narrador lhe dá na cena citada: a "fêmea". Um pouco mais adiante, Paula e Rael, seu amante, estão em outra cena de sexo em que fica clara uma violência cometida por seu parceiro e aceita pela personagem, demonstrando um lugar de submissão feminina.

Rael a segurou pela cintura, levantou sua saia, abaixou sua calcinha quase rasgando-a e a penetrou **violentamente**. Ela soltou um grito, e ele, para calá-la, enfiou dois dedos em sua boa, impedindo que o som saísse em sua totalidade. (...) Rael só tirou os dedos de sua boca quando sentiu vontade de dar-lhe na cara uns tapas, e não demorou muito a puxar o cabelo da companheira com a outra mão, como se estivesse cavalgando uma **égua selvagem**. (...) Foi quando Rael viu que amante estava gostando muito e **merecia um castigo**, retirou seu pênis e colocou-o **violentamente** no ânus de Paula, que soltou um grito ainda maior que o primeiro, e tentou empurrar o parceiro para trás; mas ele se recusou e disse baixinho com os lábios encostados em sua nuca:

- Fica quieta, você merece isso, a dor é só agora.


Ela respondeu ofegante:

- Cê tá doido, tira essa porra daí.

Mas Rael fingia não escutar e fazia movimentos mais fortes, **como se estivesse querendo matá-la**. Paula **chorava de dor**, mas começou a sentir um leve prazer, e agora já não tentava mais empurrar o parceiro, nem se inclinar para a frente; **só aceitava, como se fosse merecedora de tão grande castigo**. (FERRÉZ, 2013, p. 152/153 - Grifos nossos)

No segundo trecho citado de *Capão pecado*, os vocábulos selecionados pelo narrador para descrever a cena não deixam espaço para a dúvida de que uma violência sexual está em curso e reafirmam o lugar dado à mulher na obra, com uma narrativa em que a violência sexual ocorre como algo normatizado e a resignação da "fêmea" fica latente.

A mulher não tem voz, não tem espaço para negar o ato e aceita sua dor como "merecedora de tão grande castigo". O castigo seria, para Rael, consequência da demonstração de prazer da mulher. A "fêmea" não pode sentir prazer; parece estar relegada a apenas oferecê-lo ao "macho".



Este artigo não pretende analisar as obras dos autores periféricos, mas se faz necessária a apreciação de algumas delas para que possamos contrapor a imagem da mulher nessas narrativas e nas poesias das autoras com as quais vamos trabalhar. Contrastar as duas linhas de escrita inseridas no que se autointitulou *Literatura Marginal* evidenciará a importância da escrita dessas mulheres como forma de autorreconhecimento e de construção de uma identidade particular.


As escritoras escolhidas para objeto deste trabalho promovem a figura da mulher para além da figura da mãe e de um mero corpo sexualizado. Tomam para si a incumbência de discutir a figura do feminino no âmbito social, problematizando todas as questões primordiais da mulher. É a reivindicação da tradição da negritude a partir do olhar feminino, opondo-se e desafiando a centralidade masculina do discurso. O "cala a boca uma porra, agora a gente fala (...), e na moral agora a gente escreve!", discursado por Ferréz, parece ser dito por elas agora.

Luz Ribeiro, em recente entrevista dada à *Ponte Jornalismo*, filmada pela *Carta Capital* em 07/02/2017, traz à discussão a importância desse discurso feminino negro na obra literária, não apenas colocando foco nos temas como etnia e classe social, mas também na necessidade de pensar a mulher nesses territórios periféricos. Diz ela:

Ainda que pareça redundante, é claro que quero falar sobre a importância de ser mulher negra e periférica. Não é que eu estou me vitimizando, não é que estou fazendo 'mimimi' (sic) disso, mas eu estou enaltecendo anos que eu fui silenciada e acho que, pra além disso, anos que pessoas que vieram antes de mim foram silenciadas.

Luz demonstra, durante a entrevista citada, a importância de um ativismo feminino negro nas produções literárias e, por isso, incumbe-se desse exercício. A militância do feminismo negro, assim chamado por muitos movimentos feministas em que mulheres negras fazem parte, não é um movimento segregador, mas um movimento que tem como pautas problemas que ocorrem, predominantemente, com mulheres negras periféricas, como cita Ribeiro ao longo da entrevista à *Ponte Jornalismo*. Essa militância está latente em todas as obras das quatro poetisas que escolhemos para nosso corpus.

Nascida na cidade de São Paulo, em 1988, Luz Ribeiro faz parte do coletivo *Poetas Ambulantes*, que tem como objetivo propagar poesia, mensalmente, nos




transportes públicos em sua cidade natal. Além disso, é fundadora do Slam do 13, uma batalha de poesias localizada no Largo 13 de Maio, que surge para contemplar moradores da zona sul de São Paulo, uma vez que a maioria dos slams acontece na parte central da cidade. A escritora também faz parte de um grupo de poetas, denominado Poesias Bacantes e de um trio musical infantil, o "Luz, flores e peixes".

Luz, além de poeta, é atriz em formação, slammer, performer, bacharel em Educação Física e licenciada em Pedagogia, ademais de ser a primeira mulher vencedora do Slam Br - Campeonato Brasileiro de poesia falada, ocorrido entre os dias 15 e 18 de dezembro de 2016. O título conquistado proporcionou a Ribeiro uma vaga na Copa do Mundo de Slam, que aconteceu na França este ano, e deu grande notoriedade à poeta, bem como visibilidade à poesia produzida por essas mulheres negras periféricas.

"Não desiste negra, não desiste! / Ainda que tentem lhe calar, / Por mais que queiram esconder / Corre em tuas veias força yoruba, / Axé para que possa prosseguir!" (p. 14). Assim inicia o poema "Não desiste!", da slammer e poeta Mel Duarte, pertencente a seu segundo livro: *Negra nua crua*, lançado pela editora Ijumaa, em 2016. A citação de um pequeno trecho do poema apresenta uma ideia muito presente na obra mencionada: o empoderamento feminino negro.

Duarte, nascida em 1988 na cidade de São Paulo, também é videomaker e produtora cultural. Lança seu primeiro livro, *Fragmentos dispersos*, em 2013 pela Editora Na Função, e participa de algumas antologias, entre elas o já citado *Pretextos de mulheres negras*. Destacou-se na FLIP - Festa Literária de Paraty, em 2016, recitando poesias acerca de um assunto muito em voga nas redes sociais no último ano: o estupro coletivo, além de declamar a respeito do feminismo negro.

Elizandra Souza, um dos nomes mais representativos da poesia feminina afro-brasileira atualmente, nasceu na periferia sul de São Paulo em 1983 e passou parte de sua infância em Nova Soure, Bahia, cidade de seus pais. Aos treze anos, regressa a São Paulo e conhece a cena do hip-hop. Anos mais tarde, passa a frequentar a Cooperifa e integra a produção do jornal *Becos e vielas*, que objetiva dar voz às periferias. Em 2001, cria o *Fanzine Mjiba*, publicação utilizada para divulgação da cultura negra, que dura até 2005. Em 2004, Elizandra cria o evento Mjiba em Ação, com a colaboração Elisângela Souza e Thais Vitorino, com o propósito de dar visibilidade às mulheres negras que produzem música e poesia, uma vez que não era possível encontrá-las



facilmente nos palcos da cidade. Oito anos depois, o coletivo idealizado por Elizandra, Elisângela e Thais publica a primeira obra literária apresentada pelo Mjiba - Jovens mulheres negras em ação: *Águas da cabaça*, da própria Elizandra Souza.

A obra citada foi elaborada por um coletivo de mulheres negras - chamadas, carinhosamente pela autora, de "parteiras" -, que dividiram toda a estrutura do livro: projeto gráfico, ilustração da capa, ilustração dos capítulos, prefácio, posfácio e revisão. A produção do livro foi protagonizado apenas por mulheres negras, o que dialoga diretamente com os temas centrais abordados na obra: feminino e etnia.


Em 2006, inicia o curso de Jornalismo por meio de uma bolsa universitária do Prouni e, no ano seguinte, lança seu primeiro livro, *Punga*, em coautoria com Akins Kinte. Diferentemente de *Águas da cabaça*, *Punga* foi produzido majoritariamente por homens, desde a concepção editorial até as ilustrações da obra. Idealizado por Allan da Rosa e editado por seu selo Edições Toró, o livro é dividido em duas partes: as poesias de Kinte e, em seguida, as poesias de Souza.

Elizandra, em 2013, organiza, em parceria com Carmen Faustino e edição do Coletivo Mjiba, a obra *Pretextos de mulheres negras*. O livro é apresentado como uma antologia de poesias de vinte mulheres negras da Cidade de São Paulo, além de textos de Queen Nzinga Maxweell, da Costa Rica, e Tina Mucavele, de Moçambique. No intuito de dar voz a essas mulheres, a obra reúne, ademais dos textos de cada autora convidada, suas biografias e imagens, fortalecendo o protagonismo de mulheres negras na cena literária. A justificativa para a criação dessa obra revela-se já nas primeiras páginas do livro:

(...)

Somos a continuidade de mulheres negras que nunca conheceram o que era a escrita e também escritoras negras como Maria Firmina, Carolina Maria de Jesus, Maria Tereza, entre outras que não estão mais entre nós, mas que nos presentearam com suas flores e espalharam suas sementes que germinaram bons frutos, nos quais colhemos e nos alimentamos nos dias de hoje. Mas como toda plantação, precisamos constantemente replantar e espalhar novas sementes. (FAUSTINO e SOUZA, org, 2013, p. 7)

Apoiado nas considerações acima, feitas pelas organizadoras da obra *Pretextos de mulheres negras*, cabe-nos questionar: De que modo a visibilização de escritoras afro-brasileiras poderá garantir o reconhecimento e, a longo prazo, a consolidação de uma literatura denominada marginal mais integrada às questões da mulher negra



periférica? Tentaremos responder a essa indagação ao longo deste trabalho por meio das análises das poesias das autoras citadas.

Mulheres negras periféricas: a cobrança pelo espaço na literatura

Madrugada do dia 21 de maio de 2016. Uma menor de 16 anos é estuprada por vários homens no Morro do Barão/RJ. Trinta e três foi o número de estupradores, segundo as primeiras notícias. Trinta e três foi o número de estupradores, segundo a vítima. As cenas do crime são divulgadas na internet como um troféu para os agressores. A sociedade choca-se com tamanha violência. Comoção. Manifestações de mulheres tomam conta das ruas. Pichações indignadas são encontradas nos muros da cidade.


Mel Duarte retoma sua poesia "Verdade seja dita" para colocar em discussão um tema que ficou muito em voga após o fato narrado na favela do Barão: a cultura do estupro. Muitos vídeos já haviam sido feitos de apresentação da slammer recitando-a, mas ela resolve, envolvida com a atrocidade pela qual a menor passou em uma noite do mês de maio de 2016, produzir um vídeo com a participação de mulheres contabilizando o número de homens que estupraram a jovem.

Verdade seja dita:
Você que não mova sua pica para impor respeito a mim.
Seu discurso machista, machuca
E a cada palavra falha
Corta minhas iguais como navalha
NINGUÉM MERECE SER ESTUPRADA!
Violada, violentada
Seja pelo abuso da farda
Ou por trás de uma muralha.
Minha vagina não é lixo
Pra dispensar suas tralhas

Canalha!

(...)

Mulheres sofrem com seres sujos
Que utilizam da força quando não só, até em grupos!
Praticando sessões de estupro que ficam sem justiça.
Carniça!




Os teus restos nem pros bichos eu jogaria
Porque animal é bicho sensível,
E é capaz de dar reboiço num estômago já
acostumado com tanto lixo

Até quando teremos que suportar?
Mãos querendo nos apalpar,
Olha bem pra mim! Eu pareço uma fruta?
Onde na minha cara tá estampado: Me chupa?!
Se seu músculo enrijece quando digo NÃO pra você
Que vá procurar outro lugar onde o possa meter

Filhos dessa pátria,
Mãe gentil?
Enquanto ainda existirem Bolsonaros
Eu continuo afirmando:
Sou filha da luta, da puta
A mesma que aduba esse solo fértil
A mesma que te pariu! (DUARTE, 2016, p. 54/55)

Duarte demonstra estar atenta às demandas das mulheres muito propagadas e discutidas nas redes sociais. A poeta dialoga todo o tempo, em seus textos, com questões atuais no que diz respeito à mulher, à mulher negra, à mulher negra periférica e ao resgate da identidade. Optamos por separar as diversas construções de identidade da mulher: as representadas sem distinção étnica e social e as mulheres negras periféricas, com todas suas demandas específicas, porque assim são compostos os poemas de Mel. O "Verdade seja dita", por exemplo, não toca na questão social e étnica; é um enfrentamento por si só, é um discurso feminista que engloba todas as mulheres sem nenhum tipo de distinção.

As questões femininas também estão muito presentes na obra de Elizandra Souza. O machismo colocado em xeque por Mel, também é feito por Souza. O Sarau da Cooperifa, promove todos os anos, no Dia Internacional da Mulher, o "Ajoelhaço", uma forma de "implorar pelo perdão feminino" (VAZ, 2008, p. 208). O evento, que ocorre de 2006, proporciona a possibilidade de todos os homens presentes no Sarau de perder perdão às mulheres por todas atrocidades cometidas pelos homens ao longo dos anos. Sérgio Vaz, idealizador da Cooperifa, narra a primeira vez em que ocorreu o "Ajoelhaço". Diz ele:



(...) O Sarau neste dia começou com as guerreiras nos presenteando com botões de rosa. E logo em seguida assumiram o Sarau completamente, e nenhum homem foi convidado para falar. Nenhum. Todas as mulheres falaram poesia e textos que relatavam covardia e machismo que impera no Brasil. (...) Ficamos ali, uns duzentos caras tomando um tremendo esculacho pelas nossas grosserias ao longo de toda uma existência da humanidade. (VAZ, 2008, P. 208)


Em seguida, Vaz segue a narrativa descrevendo o ato dos homens ajoelharem-se para as mulheres presentes, pedindo-lhes perdão.

Todavia, tal performance masculina parece não ser o bastante para Elizandra Souza como forma de absolvição. Em seu livro *Punga* (2007), a poeta lança seu poema "Meu único dia de mulher", em que parece dar uma resposta ao ato narrado.

Oito de março lembrou de mim
mandou flores, tocou até tamborim,
como presente de consolação,
além dos bombons, ganhei cartão
elogiou tanto meu caráter
e me fez sentir uma rainha
fingiu esquecer que não cobiçava meu corpo,
mas sim a minha carinha
(...)
Nove de março, que decepção!
Pia cheia e toalha no chão
pedi para tirar o prato da mesa
e quase levei um bofetão
disse que o serviço da casa era minha obrigação
que mulher só prestava para cozinhar,
fazer sexo
gerar filhos e amamentar. (SOUZA, 2007, p. 51)

A poesia citada é claramente uma ironia ao dia dedicado a homenagear as mulheres. Após a data especial, a vida da mulher volta ao que sempre foi: uma vida relegada a estar numa sociedade machista. "Meu único dia de mulher" parece dialogar com a poesia de Mel Duarte em que a violência cotidiana é normatizada socialmente, chegando ao ápice da violência de gênero: o estupro.

As poesias de Elizandra aclaram a necessidade de um "ir à luta feminino" - tão propagado por Duarte -, relegando a passividade da mulher presente na educação tradicional. Se a mulher não pode ter apenas um dia de reconhecimento, tampouco pode aceitar uma identidade que a faça permissiva a essa educação e ao machismo.



O propósito do estudo acerca da produção das poetisas citadas é pensar como iniciou-se o "balbucio", citando Hugo Achugar (2006), da mulher negra na literatura brasileira, trazendo à tona questões fundamentais em que estão inseridas muitas de nós: a pobreza, a invisibilidade e a subalternidade.


Hugo Achugar em sua obra *Planetas sem boca* (2006) trava uma discussão acerca da possibilidade de um balbucio do sujeito que não tem voz, o marginalizado - quando se tem como centro uma sociedade hegemônica -, o Outro. A partir de um fato ocorrido no Uruguai, em 1956: a epidemia da poliomielite, Achugar lança seu olhar no que seria a ideia do Outro, do perigo. A sociedade uruguaia acreditava ser o Outro as sociedades próximas e não a sua, o que foi descartado quando se passa a acreditar que seu país pode ser foco do contágio.

É comum que se pense a concepção do Outro alicerçado em figuras prototípicas, como o favelado, o negro ou mesmo a mulher, esta última em uma sociedade com características fundamentadas no machismo. Na obra citada, o ensaísta parte do relato de uma doença que assolou seu país para falar da experiência da alteridade. A ameaça, nesse caso, passa a ser quase alegórica, fazendo com que os uruguaios possam vivenciar a alteridade, embora não pertencessem aos grupos reconhecidamente como Outro.

Segundo Achugar, a metrópole acredita que na periferia não há voz, é um local complementemente provido de carência, assim sendo, o será inclusive de voz.

É a mesma posição daqueles que, da metrópole, ou do jardim da academia, realizam a operação de decretar que na periferia (posição ubíqua, relacional e situacional) não há linguagem, não há boca, não há discurso. Quer dizer, a periferia, a margem, é lugar de carência. Alguns afirmam - em uma lógica em que periferia ou margem são, se não sinônimos, parentes próximos do subalterno do excluído - que o lugar da carência radial é o do subalterno, o do excluído. (ACHUGAR, 2006, p. 20)

Conquanto as poetisas citadas tenham passado pela universidade, talvez ainda estejam relegadas ao lugar do balbucio que argumenta Achugar, posto que são mulheres, são negras e são periféricas, características que as colocam em uma posição não aceita tão passivamente. No entanto, parece que elas sentem orgulho do balbucio do qual fala Achugar no início de seu livro (p. 14) e usam esse orgulho para expor as



mazelas de um grupo ainda precarizado socialmente. Falam por e com outras mulheres, emitindo um coro para que sejam ouvidas.

O estudo das produções das autoras citadas neste trabalho deixa claro que a literatura brasileira não tem uma vertente totalizadora, nem mesmo a literatura denominada marginal o tem. Há muitas questões que estão no cerne de um debate que não tem espaço em uma literatura escrita, majoritariamente, escrita por homens brancos classe média. As questões do corpo feminino negro e os problemas sociais no quais ele transita não estiveram em voga nas produções da literatura nacional.

Luz Ribeiro, Mel Duarte e Elizandra Souza, bem como tantas outras escritoras negras, como Conceição Evaristo, mostram a importância de que haja uma voz para essas questões tão relegadas e diminuídas. O balbucio vem com força e parece querer aumentar até que seja ouvido como uma voz que firme que luta por um espaço.

A figura marginalizada da mulher negra lança mão de uma voz feminina e feminista na cena literária, apoiando-se em discurso político para apresentação desses sujeitos silenciados triplamente. Parece que a frase de Luz Ribeiro, que dá título a nosso trabalho, se concretiza: "Já fizemos muitos minutos de silêncio, agora serão gerações e gerações de barulho".


Referências bibliográficas

ACHUGAR, Hugo. *Planetas sem boca: escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura*. Trad. Lyslei Nascimento. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Trad. Maria Helena Kühner. 8a ed. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 2010.

CARNEIRO, Sueli. *Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil*. São Paulo: Selo Negro, 2011.

DALCASTAGNÈ, Regina e LEAL, Virgínia Maria Vasconcelos, orgs. *Espaço e gênero na literatura brasileira contemporânea*. Porto Alegre: Zouk, 2015.



DUARTE, Mel. *Fragmentos dispersos*. São Paulo: Na Função, 2013.

DUARTE, Mel. *Negra nua crua*. 2 ed. São Paulo: Ijumaa, 2016.

FAUSTINO, Carmen e SOUZA, Elizandra. *Pretextos de mulheres negras*. São Paulo: Mjiba, 2013.

FERRÉZ. *Capão pecado*. 1 ed. São Paulo: Planeta, 2013.

KINTE, Akins e SOUZA, Elizandra. *Punga*. São Paulo: Edições Toró, 2007.

MBEMBE, Achille. *Crítica da razão negra*. Lisboa: Antígona, 2014.

PATROCÍNIO, Paulo Roberto Tonani do. *Escritos à margem: a presença de autores de periferia na cena literária brasileira*. 1ed. Rio de Janeiro: 7 Letras/Faperj, 2013.

RIBEIRO, Luz. *Eterno contínuo*. São Paulo: Selo do Burro, 2013.

ROSA, Allan. *Da cabula*. São Paulo: Global, 2008.

SOUZA, Elizandra. *Águas da cabaça*. São Paulo: Edição do Autor, 20112

VAZ, Sérgio. *Cooperifa: antropofagia periférica*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2008.